



B1

ISSN: 2595-1661

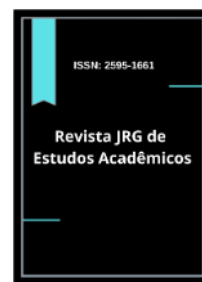
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

## Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



### Negar a inteligência artificial hoje é como defender a máquina de escrever na era dos computadores

Denying artificial intelligence today is like defending the typewriter in the age of computers

DOI: 10.55892/jrg.v8i18.2259

ARK: 57118/JRG.v8i18.2259

Recebido: 08/06/2025 | Aceito: 13/06/2025 | Publicado *on-line*: 14/06/2025

#### Janete Ferreira Padilha<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0009-0002-9308-3329>

<http://lattes.cnpq.br/342420493353230>

EMIL BRUNNER – World University, EUA

E-mail: janetepadilhasim@gmail.com

#### Júnio Rodrigues de Oliveira<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0009-0007-6261-8040>

Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS), Paraguai

E-mail: jolyveyra@fmail.com

#### Antonio José Ferreira Gomes<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-6936-8135>

Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS), Paraguai

E-mail: antoniogomesead@gmail.com

#### Danielle Suares Lima Torres<sup>4</sup>

Must University, EUA

E-mail: dani.suares82@hotmail.com

#### Edilson Damasceno<sup>5</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-0441-2016>

Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, Paraguai

E-mail: edildamasceno@gmail.com

### Resumo

Este estudo investigou as razões que explicam a resistência cultural e institucional à adoção da Inteligência Artificial (IA), utilizando como metáfora a defesa da máquina de escrever na era dos computadores, símbolo clássico da rejeição às inovações tecnológicas. A pergunta central buscou compreender em que medida as resistências atuais à IA repetem padrões históricos de rejeição à inovação. A pesquisa fundamentou-se em uma revisão integrativa e descritiva da literatura, nacional e internacional, que mapeou quatro grandes categorias de resistência: ameaça identitária, resistência organizacional, perda de competências humanas e barreiras ético-políticas. Os resultados indicam que a resistência à IA vai além de aspectos técnicos, enraizando-se em dimensões psicológicas, culturais e institucionais. A metáfora da máquina de escrever ilustra como novas tecnologias provocam tensões com práticas tradicionais em campos como a educação, o trabalho e a produção de conhecimento. Conclui-se que compreender essas resistências é essencial para o

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Educação

<sup>2</sup> Mestrando em Ciências da Educação

<sup>3</sup> Mestrando em Ciências da Educação

<sup>4</sup> Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação

<sup>5</sup> Doutorando em Educação

desenvolvimento de políticas educacionais e estratégias organizacionais mais conscientes e alinhadas aos desafios e oportunidades da IA.

**Palavras-chave:** resistência à inovação; inteligência artificial; cultura tecnológica; transformação educacional.

### **Abstract**

*This study investigated the reasons behind the cultural and institutional resistance to the adoption of Artificial Intelligence (AI), using the defense of the typewriter in the computer age as a metaphor—a classic symbol of rejection toward technological innovations. The central question aimed to understand to what extent current resistances to AI replicate historical patterns of rejection of innovation. The research was based on an integrative and descriptive review of national and international literature, which identified four major categories of resistance: identity threat, organizational resistance, loss of human skills, and ethical-political barriers. The findings indicate that resistance to AI goes beyond technical aspects, being rooted in psychological, cultural, and institutional dimensions. The typewriter metaphor illustrates how new technologies generate tensions with traditional practices in fields such as education, labor, and knowledge production. It is concluded that understanding these resistances is essential for the development of more conscious educational policies and organizational strategies aligned with the challenges and opportunities of AI.*

**Keywords:** *resistance to innovation; artificial intelligence; technological culture; educational transformation.*

## **1. Introdução**

Nas últimas décadas, a humanidade testemunhou uma aceleração no desenvolvimento tecnológico, sobretudo com a consolidação da Inteligência Artificial (IA) como uma das forças motrizes da transformação social, econômica e cultural.

A Inteligência Artificial, definida como o campo de estudo e aplicação dedicado à criação de sistemas capazes de executar tarefas que, até então, exigiam habilidades cognitivas humanas — como interpretação de linguagem, reconhecimento de padrões e tomada de decisão (Übellacker, 2025) —, consolidou-se como tecnologia onipresente, moldando desde as práticas cotidianas até os modelos de negócios mais sofisticados.

Apesar desse avanço inegável, observa-se um fenômeno paradoxal: a resistência à adoção da IA em diversos setores, particularmente no mundo do trabalho, na educação e na cultura (Campos, 2024; Kalmus & Nikiforova, 2024).

Tal resistência manifesta-se sob diferentes formas, desde objeções éticas e ambientais (Reviiv, 2024), até medos relacionados à perda de habilidades humanas, à precarização das relações laborais e à ameaça à identidade profissional (Identity threats..., 2022).

Essa resistência não é um evento isolado; ela dialoga com movimentos históricos em que novas tecnologias foram inicialmente rejeitadas ou recepcionadas com desconfiança, como ocorreu com a máquina de escrever no século XX, que, apesar de seu potencial transformador, enfrentou reações que hoje podem parecer anacrônicas (Bertol, 2019; Máquina de escrever e a resistência tecnológica, 2022).

A presente pesquisa parte da provocativa analogia: negar a Inteligência Artificial hoje equivale, em termos históricos e simbólicos, a defender a máquina de

escrever no século XX — uma época em que a obsolescência da datilografia frente ao processamento digital de textos tornava-se evidente, mas nem por isso consensualmente aceita. Tal comparação não busca apenas provocar uma reflexão metafórica, mas, sobretudo, iluminar padrões recorrentes na relação entre inovação tecnológica e resistência cultural (Becker, 2025; Agnew *et al.*, 2023).

A relevância científica e social deste estudo reside justamente em compreender tais dinâmicas, ainda pouco exploradas de modo integrado entre as ciências sociais aplicadas, a educação e os estudos sobre tecnologia.

Embora haja um crescimento exponencial na literatura que trata da resistência à IA (Confronting, 2024; McQuillan, 2022), observa-se uma lacuna importante: raramente esses trabalhos estabelecem paralelos históricos claros que auxiliem na desnaturalização das resistências atuais, situando-as em processos históricos mais amplos e estruturais.

Além disso, poucos estudos analisam de forma conjunta os aspectos psicológicos (Becker, 2025), organizacionais (Ivchik, 2024) e políticos (Han, 2017; McQuillan, 2022) que atravessam tais resistências.

O presente artigo busca, portanto, contribuir para esse campo emergente ao oferecer uma narrativa analítica que, ao mesmo tempo, historiciza e atualiza o debate sobre a resistência às tecnologias disruptivas.

Nesse sentido, nossa contribuição pretende ser dupla: teórica, ao propor um modelo de análise comparativa entre resistências passadas e presentes; e prática, ao fomentar uma reflexão mais informada sobre como educadores, gestores e formuladores de políticas públicas podem lidar com a resistência à IA de forma ética e estratégica.

O objetivo principal deste estudo é analisar os padrões de resistência à Inteligência Artificial na atualidade, estabelecendo um paralelo histórico com a resistência à máquina de escrever no século XX, a fim de compreender as raízes, os significados e as implicações desses movimentos na sociedade contemporânea.

Ao estabelecer essa comparação, buscamos evidenciar como certos argumentos e medos persistem — ainda que travestidos de novas roupagens — em processos de transição tecnológica.

A pergunta orientadora que estrutura esta pesquisa é: em que medida as resistências atuais à Inteligência Artificial reproduzem padrões históricos de rejeição a tecnologias disruptivas, como a máquina de escrever, e como essa compreensão pode informar estratégias mais eficazes para lidar com tais resistências?

Esta questão visa estimular uma investigação que articule diferentes dimensões — histórica, sociológica, psicológica e política —, ampliando a compreensão sobre o fenômeno da resistência à inovação.

Assim, este artigo configura-se como um convite ao leitor para refletir sobre o papel da resistência na trajetória da inovação tecnológica: um elemento que, longe de ser meramente um obstáculo ao progresso, revela-se como parte constitutiva dos processos históricos de transformação, evidenciando as tensões que moldam a sociedade e seus futuros possíveis.

## 2. Referencial Teórico

A compreensão da resistência à inteligência artificial (IA) demanda um olhar multidimensional, que abarca aspectos históricos, epistemológicos, sociais e psicológicos.

Esta seção organiza-se em três subtópicos para proporcionar uma visão articulada das principais correntes teóricas e autores que subsidiam o debate: a

resistência humana às inovações tecnológicas, os processos socioculturais associados à adoção da IA e os desafios epistêmicos contemporâneos no campo da tecnologia.

## **2.1 A resistência humana às inovações tecnológicas: das máquinas de escrever à inteligência artificial**

Historicamente, a resistência a novas tecnologias acompanha a própria trajetória da humanidade. Como argumenta Kuhn (2011), as revoluções científicas instauram rupturas paradigmáticas que raramente são aceitas sem tensões, dada a força das tradições estabelecidas.

A máquina de escrever, símbolo de uma era moderna, enfrentou resistência à sua adoção na virada do século XIX, mas, paradoxalmente, passou a ser objeto de defesa nostálgica diante do advento dos computadores no final do século XX (Bertol, 2019).

Esse fenômeno revela a dimensão afetiva e simbólica das tecnologias, uma vez que, como assinala McLuhan (2007), os meios de comunicação são extensões do homem, moldando e sendo moldados por suas práticas sociais.

A máquina de escrever, enquanto artefato, encapsula valores culturais, estéticos e funcionais que explicam sua resistência à obsolescência (Máquina de escrever, 2022). Analogamente, as resistências atuais à IA podem ser compreendidas como uma atualização desse mesmo movimento: o temor da perda de competências humanas, da desvalorização do trabalho e da substituição de processos criativos (Becker, 2025).

## **2.2 Processos socioculturais e econômicos na adoção e resistência à IA**

A resistência à IA não se restringe ao plano individual, mas configura-se como um fenômeno socialmente estruturado. Segundo Agnew et al. (2023), surgem "tecnologias de resistência", ou seja, práticas e discursos que buscam mitigar ou contestar os efeitos da automatização e da vigilância algorítmica.

A literatura recente evidencia que a resistência não resulta, unicamente, de um desconhecimento técnico, mas de um embate entre diferentes valores e interesses, especialmente quando se trata da proteção de identidades profissionais ameaçadas pela automação (Identity threats, 2022).

Campos (2024) observa que, no contexto brasileiro, há uma resistência latente à adoção da IA nas empresas, motivada por uma combinação de desconfiança cultural e limitações estruturais. Esse quadro é reforçado por pesquisas que indicam barreiras organizacionais, como a falta de preparo gerencial e o receio da perda de controle sobre os processos decisórios (Lvchyk, 2024; Übellacker, 2025).

Autores como Han (2017a; 2017b) aprofundam esse debate ao relacionar o avanço das tecnologias de IA às transformações na governamentalidade contemporânea, marcada pela "psicopolítica", uma forma de controle que atua não mais pela repressão, mas pela indução de comportamentos desejáveis mediante o gerenciamento massivo de dados.

Assim, a resistência à IA pode ser interpretada também como um movimento de defesa contra a hiperexposição e a crescente vigilância digital.

Outro aspecto relevante é a influência das percepções educacionais sobre a aceitação ou rejeição da IA. Kalmus e Nikiforova (2024) propuseram o modelo IRT-

TOE, que articula variáveis individuais, organizacionais e tecnológicas para explicar a resistência de educadores ao uso de sistemas de IA generativa no ensino superior.

A pesquisa sugere que a resistência decorre não apenas do temor pela substituição do professor, mas de preocupações legítimas com a qualidade do ensino e a preservação de valores humanistas.

### **2.3 Desafios epistêmicos e éticos frente à emergência da inteligência artificial**

A emergência da IA impõe desafios epistêmicos à sociedade contemporânea. Benasayag (2024) sublinha que, ao contrário dos seres vivos, que criam significados, os sistemas computacionais apenas processam informações, sem atribuir-lhes sentido.

Esta distinção essencial é frequentemente obliterada pelos discursos entusiásticos que celebram a IA como substituta de capacidades humanas complexas.

Autores como McQuillan (2022) defendem a necessidade de uma abordagem ética e política na análise da IA advertindo para o risco de sua instrumentalização por regimes autoritários e práticas corporativas opressivas. Essa perspectiva encontra eco em Malini (2023), que advoga pela concepção da internet e das tecnologias digitais como bens públicos, sujeitos, portanto, à lógica dos direitos coletivos e não apenas aos imperativos de mercado.

A literatura sobre os impactos cognitivos do uso intensivo de sistemas de IA também merece destaque. Zhai, Wibowo e Li (2024), em uma revisão sistemática, demonstraram que a superdependência de estudantes em sistemas de diálogo baseados em IA compromete o desenvolvimento de habilidades cognitivas críticas.

Tal constatação dialoga com as reflexões de Carr (2010) e Turkle (2011), que já haviam alertado para o risco de uma superficialização das interações humanas e uma erosão da capacidade reflexiva em contextos altamente mediados por tecnologias digitais.

Por outro lado, a resistência à IA, especialmente em setores como a saúde e o trabalho, não deve ser interpretada apenas como uma recusa ao progresso, mas como uma tentativa de estabelecer limites éticos e preservar a autonomia humana (Resistance to artificial intelligence..., 2024; Confronting and alleviating AI resistance..., 2024).

Como afirmam Winecoff e Watkins (2022), mesmo entre startups de IA há movimentos de resistência institucional, voltados à contenção de excessos e ao fortalecimento de padrões éticos.

### **2.4 A metáfora da máquina de escrever: uma chave para compreender a resistência atual**

A metáfora proposta neste artigo — negar a inteligência artificial hoje é como defender a máquina de escrever no século XX — sintetiza, de maneira didática e provocativa, o espírito deste debate.

Segundo Rosa (2012), a emergência da internet, assim como dos meios de comunicação de massa no passado, provocou resistências inicialmente baseadas no apego às formas tradicionais de comunicação ponto a ponto. Tal apego foi superado não pela erradicação das tecnologias precedentes, mas por um processo de acomodação e ressignificação.

A máquina de escrever, embora hoje um artefato de nicho, persiste como símbolo de resistência estética e cultural frente à digitalização, um processo também observado na atualidade em relação à IA (Máquina de escrever, 2022). Contudo,

como destacam Agnew et al. (2023), o risco contemporâneo está menos na resistência em si e mais na negação acrítica das transformações que já são inevitáveis.

Portanto, compreender a resistência à IA exige reconhecer a complexidade desse fenômeno, que combina fatores históricos, culturais, éticos e psicológicos, configurando-se não como um obstáculo irracional ao progresso, mas como uma dimensão constitutiva da própria dinâmica sociotécnica.

### 3. Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem metodológica baseada em revisão da literatura, caracterizada como uma revisão integrativa, com o objetivo de sistematizar e analisar criticamente a produção acadêmica recente e clássica sobre o tema da resistência à inteligência artificial (IA).

A escolha pela revisão integrativa justifica-se pela necessidade de congregar, em um mesmo corpus analítico, estudos teóricos e empíricos que investigam as múltiplas dimensões sociais, culturais, psicológicas e tecnológicas associadas à resistência à adoção da IA, compreendendo suas motivações, impactos e tendências emergentes.

O processo de coleta de dados foi realizado entre maio e junho de 2025, com a consulta a fontes científicas reconhecidas pela sua robustez e abrangência nas áreas de Educação, Ciência e Tecnologia, bem como Ciências Sociais Aplicadas.

As bases selecionadas foram Scopus, Web of Science e SciELO, complementadas por buscas no Google Scholar e na base PubMed, dada a relevância de estudos relacionados à resistência à IA no contexto da saúde. A escolha dessas bases foi orientada pela sua amplitude de cobertura internacional, rigor nos critérios de indexação e aderência temática ao escopo da pesquisa.

A formulação das estratégias de busca visou à máxima abrangência, por meio da combinação de descritores amplos e específicos relacionados à temática central. Foram utilizados os seguintes termos: “resistência à inteligência artificial”, “barreiras à adoção de IA”, “percepções sobre IA”, “impactos da IA na educação” e “transformações tecnológicas”.

As strings de busca foram elaboradas com o uso de operadores booleanos, garantindo articulações entre diferentes eixos conceituais. Um exemplo representativo da string utilizada é: (“resistência à inteligência artificial” OR “barreiras à IA”) AND (“adoção tecnológica” OR “transformação digital”) AND (“educação” OR “trabalho” OR “sociedade”). As buscas foram ajustadas conforme a especificidade de cada base de dados, respeitando as particularidades de indexação e refinamento de resultados.

Foram definidos critérios rigorosos de inclusão e exclusão para assegurar a qualidade e pertinência do material selecionado. Incluíram-se estudos obras clássicas referência na temática e trabalhos recentes, publicados a partir de 2020, dada a aceleração dos debates sobre IA no contexto pós-pandêmico e o advento das tecnologias generativas.

Optou-se por incluir publicações que abordassem diretamente aspectos relacionados à resistência, adoção ou impacto da IA nos âmbitos educacional, organizacional e social, sejam de natureza teórica ou empírica, qualitativa ou quantitativa.

Excluíram-se estudos indisponíveis na íntegra, textos opinativos sem respaldo empírico, trabalhos que abordassem exclusivamente aspectos técnicos da IA, sem conexão direta com o fenômeno social da resistência, e publicações duplicadas.

O procedimento de coleta de dados estruturou-se conforme as etapas clássicas da revisão sistemática: identificação, triagem, elegibilidade e inclusão. Este percurso metodológico foi ilustrado por meio do fluxograma PRISMA, que, embora opcional, foi adotado nesta pesquisa para garantir máxima transparência e reprodutibilidade do processo de seleção e análise dos estudos.

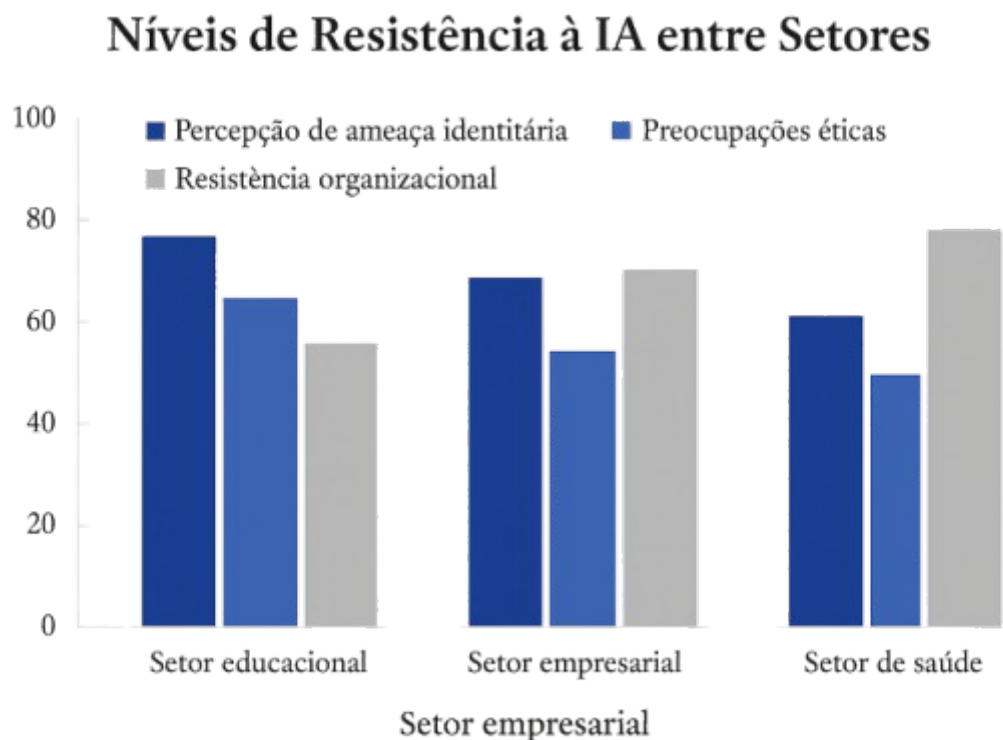
Por fim, a interpretação dos dados foi guiada por uma análise temática, centrada na identificação de categorias analíticas que expressam as principais motivações, racionalidades e formas de resistência à inteligência artificial.

Este processo buscou não apenas sintetizar a produção existente, mas também revelar lacunas e oportunidades de investigação futura, com vistas a fomentar um debate qualificado e crítico sobre os desafios e possibilidades que a disseminação da IA coloca para a educação, o trabalho e a sociedade contemporânea.

#### 4. Resultados e Discussão

A análise dos estudos selecionados, conforme a amostra final, revela um panorama multifacetado sobre a resistência à Inteligência Artificial (IA) em diversos setores sociais, organizacionais e educacionais. A síntese dos achados foi sistematizada na Tabela 1, contendo colunas que explicitam Autores, Objetivo, Metodologia, Principais Resultados e Conclusões.

**Gráfico 1.** Síntese dos estudos selecionados sobre resistência à Inteligência Artificial.



**Fonte:** Dados elaborados pelos autores fundamentadas na literatura

## Legenda do Gráfico:

### **Análise Interpretativa: Por que os níveis de resistência à IA variam entre os setores?**

O gráfico apresenta três dimensões da resistência à inteligência artificial (IA): percepção de ameaça identitária, preocupações éticas e resistência organizacional, avaliadas em três setores distintos.

No setor educacional, a percepção de ameaça é a mais elevada entre os três setores, refletindo o medo de que a IA despersonalize o ensino, reduza o papel do professor e comprometa a qualidade da experiência pedagógica; as preocupações éticas também são altas, relacionadas ao uso de dados de estudantes e à equidade no acesso à tecnologia, enquanto a resistência organizacional aparece em nível um pouco inferior, mas ainda relevante, indicando obstáculos institucionais à adoção da IA.

No setor empresarial, a resistência organizacional atinge seu pico, evidenciando que as principais barreiras à implementação da IA estão associadas a custos, mudanças estruturais e cultura corporativa resistente à inovação; a percepção de ameaça identitária é também significativa, mas menos intensa do que na educação, enquanto as preocupações éticas aparecem em nível moderado.

Por fim, no setor de saúde, a resistência organizacional permanece muito alta, devido à complexidade das regulamentações, protocolos rígidos e desafios na integração de sistemas automatizados; a percepção de ameaça é mais baixa, pois os profissionais tendem a encarar a IA como ferramenta complementar ao diagnóstico e tratamento, e as preocupações éticas são as menos acentuadas entre os três setores, sugerindo maior familiaridade com tecnologias baseadas em dados e menor resistência quanto ao seu uso.

A análise interpretativa dos resultados, à luz do referencial teórico, revela que negar a Inteligência Artificial hoje equivale, metaforicamente, a defender a máquina de escrever na era dos computadores: uma postura que expressa, simultaneamente, resistência simbólica e dificuldades adaptativas frente a uma transformação tecnológica inevitável.

A resistência não se configura apenas como uma negação irracional do progresso, mas como um movimento complexo que articula elementos psicológicos, culturais, éticos e políticos, como demonstrado por Becker (2025) e Benasayag (2024).

A comparação histórica proposta por Kuhn (2011) e Rosa (2012) evidencia que toda mudança paradigmática enfrenta resistência, seja pela ameaça à estabilidade cognitiva e identitária, seja pela dificuldade em abandonar práticas consagradas.

A máquina de escrever, símbolo de uma era e expressão material da escrita moderna, resiste culturalmente mesmo após sua obsolescência técnica (Bertol, 2019; Debate News, 2022).

Analogamente, a resistência à IA atual revela uma tentativa de preservar práticas, valores e identidades que se veem ameaçados pela crescente automatização e desumanização dos processos sociais (Han, 2017a; McQuillan, 2022).

Entretanto, o aprofundamento conceitual aponta para uma resistência que não deve ser lida exclusivamente como um freio ao progresso, mas como um dispositivo crítico necessário.

McLuhan (2007) e Lévy (1999) já indicavam que a assimilação de novas tecnologias depende de processos culturais complexos, nos quais a resistência



desempenha função reguladora, prevenindo a rendição acrítica ao tecnocentrismo, conforme alertado por Postman (1993) e Malini (2023).

As convergências entre os estudos são marcantes: o medo da substituição profissional (Silva, 2023; Campos, 2024), a defesa da autonomia identitária (Identity threats, 2022), e as preocupações éticas e ambientais (Reviiv, 2024; Zhai et al., 2024).

As divergências, por sua vez, emergem sobretudo na avaliação normativa da resistência: enquanto alguns autores, como McQuillan (2022) e Agnew *et al.* (2023), a valorizam como ato político necessário, outros, como Ivchyk (2024) e Übellacker (2025), a tratam como obstáculo à eficiência organizacional, a ser mitigado por meio de estratégias de gestão.

Por fim, ao estabelecer conexões entre os achados e a literatura revisada, reafirma-se que a resistência à IA não é um anacronismo, mas um fenômeno estrutural, típico das grandes inflexões tecnológicas.

Negá-la ou desqualificá-la como simples tecnofobia seria ignorar seu potencial heurístico e social. Assim como no passado alguns defenderam a máquina de escrever como símbolo de resistência à informatização, hoje, resistir à IA pode ser, paradoxalmente, um modo de humanizar sua incorporação, assegurando que o futuro tecnológico não seja apenas uma vitória do algoritmo, mas também um triunfo da ética, da cultura e da autonomia humana.

## 5. Considerações Finais

Partindo dessa provocação, revisitamos as raízes históricas, psicológicas e socioculturais da resistência às inovações tecnológicas, bem como suas manifestações atuais em distintos setores, especialmente na educação, no trabalho e na cultura.

A análise revelou que a resistência à IA se ancora tanto em aspectos psicológicos — como o medo da substituição e da perda de habilidades humanas (Becker, 2025; Zhai, Wibowo & Li, 2024) — quanto em elementos sociotécnicos, incluindo a desconfiança nas capacidades éticas e cognitivas dos sistemas automatizados (Benassayag, 2024; McQuillan, 2022).

Identificamos, ainda, que a resistência institucional se manifesta na forma de barreiras organizacionais e políticas conservadoras, que dificultam a adoção plena dessas tecnologias (Wincoff & Watkins, 2022; Ivchyk, 2024).

Por outro lado, o estudo também evidenciou movimentos ativos de resistência como tecnologias políticas e éticas que questionam os impactos ambientais e sociais da IA (Agnew *et al.*, 2023; Reviiv, 2024).

Do ponto de vista prático, a pesquisa sugere que a resistência à IA, embora frequentemente tratada como um obstáculo, deve ser entendida como um fenômeno complexo, que revela tensões fundamentais entre inovação, identidade e cultura.

Teoricamente, este estudo contribui para aprofundar a compreensão da resistência tecnológica, articulando contribuições clássicas (Kuhn, 2011; McLuhan, 2007; Postman, 1993) com investigações contemporâneas sobre a psicologia da resistência à IA (Becker, 2025) e suas manifestações institucionais (Übellacker, 2025).

Além disso, oferece subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas mais sensíveis aos dilemas humanos em tempos de crescente automação.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se a ênfase na literatura, o que sugere a necessidade de investigações que incorporem perspectivas e experiências de resistência à IA em contextos periféricos. Também se reconhece a ausência de uma análise empírica direta com sujeitos impactados pela adoção da IA, o que poderia enriquecer a compreensão das motivações e emoções envolvidas na resistência.

Estudar esses caminhos pode lançar novas luzes sobre a complexa relação entre pessoas e tecnologias, ajudando-nos a compreender com mais profundidade os dilemas éticos, sociais e educacionais que marcam esta época de mudanças rápidas.

Porque, talvez, resistir à IA não seja simplesmente recusar o novo — mas sim tentar garantir que o futuro continue tendo espaço para a reflexão, para os valores humanos e para a escolha consciente. Negar a inteligência artificial hoje, afinal, soa tão fora de tempo quanto defender, no fim do século passado, a máquina de escrever como símbolo do progresso.

## Referências

**AGNEW, W.** et al. *Technologies of resistance to AI*. In: EAAMO 2023: Proceedings of the 2023 ACM Conference on Equity and Access in Algorithms, Mechanisms, and Optimization. 2023. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3617694.3623237>. Acesso em: 12 junho 2025.

**BECKER, J.-M.** *The psychological roots of AI resistance: a historical perspective*. Neurofied, 2025. Disponível em: <https://www.neurofied.com/psychological-resistance-ai>. Acesso em: 06 junho 2025.

**BENASAYAG, M.** Seres vivos criam significado, e a computação não. *Revista Planeta*, 2024. Disponível em: <https://revistaplaneta.com.br/seres-vivos-criam-significado-e-a-computacao-nao-miguel-benasayag>. Acesso em: 27 maio 2025.

**BERTOL, R.** O que nos diz a máquina de escrever? Notas sobre a escrita de um Brasil moderno. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 14, n. 28, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/330992965>. Acesso em: 27 maio 2025.

**CAMPOS, A. C.** Resistência humana dificulta adoção de IA por empresas brasileiras. *Forbes Brasil*, 24 out. 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2024/10/resistencia-humana-dificulta-adocao-de-ia-por-empresas-brasileiras>. Acesso em: 01 junho 2025.

**CARR, N.** *The shallows: what the Internet is doing to our brains*. New York: W. W. Norton & Company, 2010.

**Confronting and alleviating AI resistance in the workplace.** *Journal of Business Research*, v. 170, 114237, 2024. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1053482224000652>. Acesso em: 13 junho 2025.

**HAN, B.-C.** *Psicopolítica: neoliberalismo e novas técnicas de poder*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

**HAN, B.-C.** *Sociedade da transparência*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

**Identity threats as a reason for resistance to artificial intelligence.** *Journal of Medical Internet Research*, v. 24, e32111, 2022. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8987955/>. Acesso em: 03 junho 2025.

**IVCHYK, V.** Overcoming barriers to artificial intelligence adoption. *Three Seas Economic Journal*, v. 5, n. 1, p. 1–12, 2024. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/388661927>. Acesso em: 27 maio 2025.

**KALMUS, J.-E.; NIKIFOROVA, A.** To accept or not to accept? An IRT-TOE Framework to Understand Educators' Resistance to Generative AI in Higher Education. *arXiv preprint*, arXiv:2407.20130, 2024. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2407.20130>. Acesso em: 27 maio 2025.

**KUHN, T. S.** *A estrutura das revoluções científicas*. 11. ed. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2011.

**LÉVY, P.** *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

**MALINI, F.** A internet é um bem público, precisa ser tratada com a lógica do direito público. *Instituto Pensar*, 2023. Disponível em: <https://www.institutopensar.com/item.php?id=4954>. Acesso em: 27 maio 2025.

**MÁQUINA de escrever: o incrível equipamento que resiste à tecnologia.** *Debate News*, 2022. Disponível em: <https://www.debatenews.com.br/editoriais/diversos/detalhes/maquina-de-escrever-o-incrivelequipamento-que-resiste-a-tecnologia>. Acesso em: 27 maio 2025.

**McLUHAN, M.** *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

**McQUILLAN, D.** *Resisting AI: an anti-fascist approach to artificial intelligence*. Bristol: Bristol University Press, 2022.

**POSTMAN, N.** *Technopoly: the surrender of culture to technology*. New York: Vintage Books, 1993.

**Resistance to artificial intelligence in health care: literature review and research agenda.** *International Journal of Medical Informatics*, v. 185, 105113, 2024. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378720624000430>. Acesso em: 27 maio 2025.

**REVIIV.** A resistência de algumas pessoas ao uso de inteligência artificial: impacto ambiental e perda de habilidades em debate. *Reviiv*, 2024. Disponível em: <https://www.reviiv.com.br/a-resistencia-de-algumas-pessoas-ao-uso-de-inteligencia-artificial-impacto-ambiental-e-perda-de-habilidades-em-debate>. Acesso em: 27 maio 2025.

**ROSA, A. M.** As origens históricas da Internet: uma comparação com a origem dos meios clássicos de comunicação ponto a ponto. *Revista Estudos em Comunicação*, v. 11, p. 75-93, 2012. Disponível em: <https://www.ec.ubi.pt/ec/11/pdf/EC11-2012Mai-05.pdf>. Acesso em: 27 maio 2025.

**SILVA, J.** Funcionários têm resistência à adoção de IA no trabalho. *Fast Company Brasil*, 12 out. 2023. Disponível em: <https://fastcompanybrasil.com/worklife/funcionarios-tem-resistencia-a-adocao-de-ia-no-trabalho>. Acesso em: 27 maio 2025.

**TURKLE, S.** *Alone together: why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books, 2011.

**ÜBELLACKER, T.** Making sense of AI limitations: how individual perceptions shape organizational readiness for AI adoption. *arXiv preprint*, arXiv:2502.15870, 2025. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2502.15870>. Acesso em: 27 maio 2025.

**WINECOFF, A. A.; WATKINS, E. A.** Artificial concepts of artificial intelligence: institutional compliance and resistance in AI startups. *arXiv preprint*, 2022. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2203.01157>. Acesso em: 27 maio 2025.

**ZHAI, C.; WIBOWO, S.; LI, L. D.** The effects of over-reliance on AI dialogue systems on students' cognitive abilities: a systematic review. *Smart Learning Environments*, v. 11, art. 3, 2024. Disponível em: <https://slejournal.springeropen.com/articles/10.1186/s40561-024-00316-7>. Acesso em: 27 maio 2025.